

Joice Andreia Balboa

HISTÓRIAS FALADAS

Relatório final apresentado à disciplina
de Projetos Experimentais do curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria José
Baldessar

Florianópolis
2013

Este trabalho é dedicado à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, queria agradecer à minha mãe, Susana Edith Balboa, por sempre me incentivar nos estudos e apoiar as minhas escolhas pessoais e profissionais. Agradeço também ao meu namorado, Gustavo Passinato Mirandoli, por estar presente em todos os momentos. Aos meus queridos peludos Chico e Figo por me fazerem companhia.

À professora Maria José Baldessar por aceitar me orientar nessa etapa final do Curso de Jornalismo. A todos os professores que contribuíram com a minha formação, e aos colegas e amigos do curso.

Aos entrevistados que aceitaram participar e contribuíram com o trabalho: Maria Adelina de Aguiar, Zenaide Maria de Souza, Edvaldo de Oliveira, Mônica Stahelin Kretzer, Felício Antônio Petry, José Pauli, Adélia Bettiol, Armando Bettiol, Lirio Folchini, Rosa de Paula, João Doré Fort, Vanda de Oliveira, Verônica Peczarca, Konegunda Rogalska Andrzejewski, Deonísio Stoltz. Ao professor Felício Margotti, que teve participação fundamental nas decisões do trabalho e concedeu entrevista explicativa sobre o tema deste TCC.

A todos que me ajudaram a entrar em contato com as fontes: Cimara Pereira, Arante José Monteiro Filho, Samira Pereira, Regina Célia da Silva Suenes, Márcia de Souza, Gabriela de Toni, Adriana de Toni, Aldo Lis, Elaine Zanin, Karina Manarin, Jane Mara Honorato, Ilka Goldschmidt.

Ao ex-professor do curso de jornalismo Fábio Meyer por me ajudar prontamente com algumas dificuldades com o Flash.

Ao meu sogro e psicólogo, Laury de Oliveira, por me ouvir quando precisei. Ao meu cunhado, Matheus Passinato Mirandoli, por se dedicar na identidade visual. À minha irmã, Michele Balboa Brasil de Oliveira. À minha sogra Susana Passinato. À minha cunhada Graziela Passinato de Oliveira. Ao meu sogro Norberto Mirandoli.

RESUMO

O trabalho de Conclusão de curso, objeto deste relatório, mostra as características peculiares da variação fonética da língua portuguesa no estado de Santa Catarina. O objetivo é apresentar um material jornalístico multimídia e interativo, que desperte a curiosidade do leitor sobre o sotaque catarinense. A linguagem multimídia foi escolhida, pois permite a utilização de vídeo, foto e áudio em um mesmo pacote informativo. Para a realização do projeto foram selecionados cinco modos de pronúncia mais importantes de Santa Catarina para a Linguística. Com base nessa seleção foram mapeadas cinco cidades, para representar cada tipo de sotaque, onde foram produzidas reportagens sobre a cultura e a origem dessas marcas linguísticas.

Palavras-chave: Webjornalismo. Webdocumentário. Sotaque. Variação fonética. Santa Catarina.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 TEMA E PLATAFORMA.....	10
3 PRODUÇÃO.....	13
3.1 ENTREVISTAS E VIAGENS	13
3.2 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO	17
3.3 EQUIPAMENTO E CUSTOS.....	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

Sotaque, segundo a definição do Dicionário *Houaiss*, “[...] é uma maneira particular de determinado locutor pronunciar determinados fonemas em um idioma ou grupo de palavras”. E é essa característica da língua, a variação fonética, o tema deste webdocumentário. O sotaque representa uma identidade cultural de determinado grupo, e sua pluralidade faz parte da cultura, não só de Santa Catarina, mas do Brasil e todo o mundo. Marcos Bagno (2007, p. 52) descreve que “[...] em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico”.

A linguística passou a ser estudada somente no século XX, e a partir desse momento a língua falada passou a ser considerada objeto de estudo científico. A importância disso, ainda segundo Bagno (2007, p.55), são as mudanças e as variações identificadas na língua falada, que constantemente a transformam.

A pronúncia da língua portuguesa no Brasil está diretamente relacionada ao processo histórico do país. Mesmo sendo um país oficialmente monolíngue, tendo a Língua Portuguesa como idioma padrão, o plurilinguismo pode ser observado em todo o território nacional. As variações fonéticas são mapeadas de acordo com a colonização (ver Mapa 1), e podem mudar segundo a classe ou grupo social, etnia, sexo, idade ou indivíduo.

A língua falada é a língua tal como foi aprendida pelo falante em seu contato com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida. É o instrumento básico de sobrevivência. Um grito de socorro tem muito mais eficácia do que essa mesma mensagem escrita. (BAGNO, 2007, p. 54)

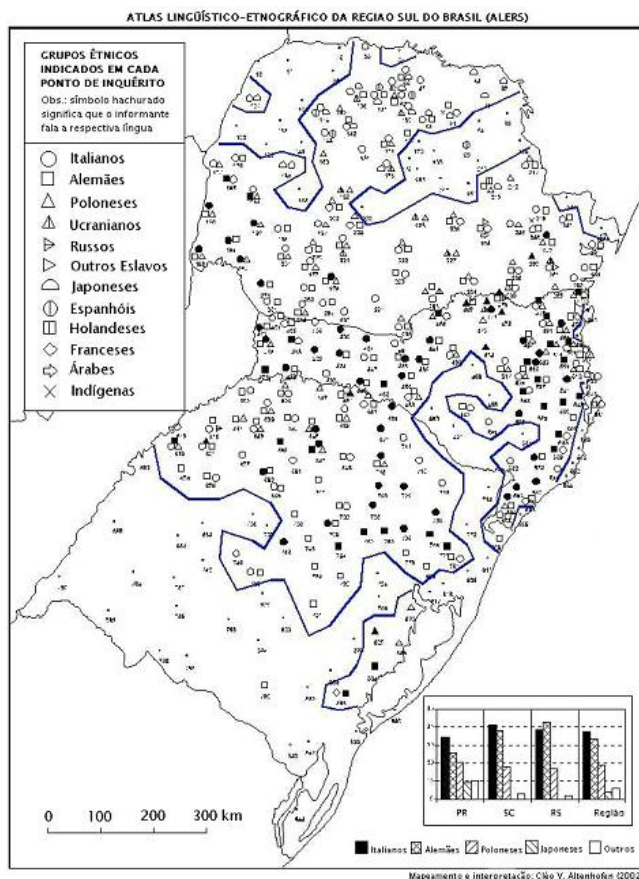
A língua falada está em constante evolução e somente em Santa Catarina é possível encontrar mais de dez¹ tipos de variações fonéticas (ver Mapa 2). Porém, para viabilizar a realização deste trabalho foram selecionados cinco sotaques mais importantes para a Linguística, de acordo com o *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS).

Mapa 1: Origem do povoamento de Santa Catarina



¹ O Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) registra 11 tipos de variações fonéticas, mas existem outros que, por terem pouca representatividade ou não serem conhecidos, ainda não foram estudados e mapeados.

Mapa 2: Áreas bilíngues de colonização de imigrantes não lusos na região Sul do Brasil



Fonte: Altenhofen (*apud* MARGOTTI, 2004, p. 53)

As variações fonéticas são erroneamente alvo de preconceito por todo o território brasileiro, gerando discriminação com algumas maneiras de falar do “interior” (BAGNO, 2007). No telejornalismo, o sotaque não é muito bem-vindo, principalmente quando se fala do padrão da emissora de televisão Rede Globo, na qual os fonoaudiólogos, em geral, trabalham para eliminar as marcas linguísticas locais das

emissoras da rede, com o intuito de padronizar a fala dos apresentadores e repórteres. Esse procedimento desvaloriza a cultura e extingue a identidade do telejornal local.

Através de uma série de mudanças nos telejornais das praças, tentava-se minimizar distorções entre diferentes regiões do Brasil, criando um padrão de qualidade no telejornalismo de todas as emissoras da Rede Globo. Foi nesta época que Glorinha Beuttenmüller começou a uniformizar a fala de repórteres e locutores espalhados pelo país, amenizando os sotaques regionais. (BEUTTENMÜLLER, 2005)

O principal grupo de estudo sobre a variação linguística na região Sul do Brasil é o projeto VARSUL (Variação linguística na região Sul do país), que pesquisa o tema em três áreas: Variação Linguística, Atlas Linguístico e Bilinguismo. Outro projeto, paralelo e complementar, que também estuda o tema na região Sul, é o ALERS (Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil), que tem como objetivo principal registrar e organizar, sob forma de um atlas linguístico-etnográfico, as variantes geolinguísticas – fônicas, morfossintáticas e semântico-lexicais – da língua portuguesa falada na área rural da região Sul do Brasil. Porém, o resultado desses dois projetos são poucos divulgados, ou somente pessoas da área têm acesso a essas informações.

Este TCC apresenta uma reportagem jornalística multimídia e interativa sobre a variação fonética no estado de Santa Catarina, valorizando a cultura e a história que fazem parte de cada sotaque. O objetivo é produzir um material jornalístico que estimule a curiosidade do público, e que, além disso, fique disponível para a população catarinense.

2 TEMA E PLATAFORMA

A minha facilidade e afinidade com ferramentas de edição predeterminou que meu TCC fosse numa mídia *on-line*, mas escolher um tema que preenchesse os requisitos do webjornalismo, conforme Canavilhas (2006), foi mais demorado do que parecia. Teria que ser uma pauta que rendesse material em vídeo, foto, texto e áudio, sem que as informações se repetissem, que fossem pensadas para o meio *on-line*. As características desse meio permitem que o usuário decida por qual caminho irá seguir a reportagem, através dos hipertextos e *hiperlinks*.

Aos meus ouvidos, é um encanto escutar o sotaque de outros lugares, de vez em quando até arrisco imitá-los. Não lembro o dia ou mês, mas foi na praia numa conversa com meu namorado, sobre jeito de falar de um amigo de Manaus, que surgiu a ideia de fazer meu TCC sobre sotaque. Pronto! Estava decidido. Sotaques brasileiros. Já imaginava as viagens que faria a cada uma das regiões do país.

Iniciadas as aulas de Técnicas de Projetos, apresentei a minha proposta. As recomendações foram para que eu pensasse em uma pauta mais “pé no chão”, pois não teria tempo hábil para realizar um projeto tão ambicioso e que o fato de eu já estar no mercado de trabalho² dificultaria ainda mais a minha saída a campo. Encarei como um desafio. Não desisti do tema, mas em vez de viajar pelo país, me restringi a conhecer os sotaques de Santa Catarina.

Ao delimitar meu trabalho no Estado pensei que já teria diminuído e muito o número de sotaques, mas conversando com o professor de Letras e Linguística da UFSC, Felício Margotti, descobri que existiam nove variações fonéticas, desconsiderando as pouco influentes ou não estudadas. Nessa mesma conversa já delimitamos as cinco variantes de acordo com a colonização do estado e com a

² Trabalhava no *Notícias do Dia* como diagramadora no fechamento do jornal.

importância linguística, e as cidades que melhor representariam cada uma. As escolhas foram:

- Florianópolis – local onde a cultura e os traços linguísticos açorianos ainda são tradicionais;
- São Pedro de Alcântara – a primeira colônia alemã de Santa Catarina fundada em 1829;
- Urussanga – primeira colônia italiana;
- Itaiópolis – maior concentração de descendentes poloneses no estado;
- Chapecó – grande concentração de índios em SC.

IMIGRAÇÃO E POVOAMENTO DE SANTA CATARINA

Os principais destinos da imigração açoriana no Brasil, a qual começou em 1617, foram as capitanias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. As marcas da cultura açoriana ainda sobrevivem no litoral catarinense, traços linguísticos que não existem mais no restante do país ainda podem ser escutadas aqui.

[...] traços já quase apagados nos falares brasileiros, mas que ainda subsistem no açoriano-catarinense tradicional e que ascendem ao português continental, senão ao próprio latim, a saber: 1) o tratamento familiar por tu, tuteamento, com verbo na 2a. pessoa do singular, em contraponto com o respeitoso vós, voseamento: fosse o cinema?; 2) resíduo de apoio paragógico [e] a oxítonos em -l, -r, -s, -z ante pausa: sole, mare, mese, fage; 3) uso de formas e vocábulos que remontam ao português de 1450 a 1750. (FURLAN, 1998)

A colonização europeia no Sul do Brasil se dá a partir de 1824 com a chegada dos alemães no Rio Grande do Sul, e em Santa Catarina a partir de 1829. A primeira colônia alemã se estabeleceu nas mediações de São Pedro de Alcântara e no percurso até Lages, mais tarde se expandiu para o Norte, na Bacia do Itajaí-Açu e ao Sul, na vertente norte do rio Tubarão. (MARGOTTI, 2004)

Já a imigração italiana teve início em 1875 simultaneamente em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina foram fundadas 13 vilas italianas localizadas entre o mar e a Serra Geral, a maioria dos imigrantes são oriundos do Norte da Itália.

Em Santa Catarina, por volta de 1875-1877, fundaram-se Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra e Apiúna, na periferia de Blumenau, além de Botuverá, Nova Trento, perto de Brusque, e Luiz Alves, no Vale do Rio Itajaí-Açú; no Sul, a partir de 1877, fundaram-se os núcleos de Azambuja, Urussanga, Grão-Pará, Orleans, Nova Veneza, nova Bleuno (Siderópolis). (MARGOTTI, 2004, p. 34)

As primeiras famílias de imigrantes poloneses chegaram a Santa Catarina a partir de 1869, e se instalam inicialmente em Brusque, conhecida como o berço da imigração polonesa no Brasil.

A presença polonesa se acentua, principalmente na Região do Planalto Norte, nos municípios de Itaiópolis, Papanduva, Canoinhas, Mafra, Porto União e São Bento do Sul; no Vale do Rio Itapocú, nos municípios de Massaranduba e Jaraguá do Sul; no Alto Vale do Rio Itajaí, em Rio do Campo, Benedito Novo, Rio dos Cedros e Indaial, no Vale do Rio Tijucas, nos municípios de Major Gercino e Nova Trento, no Sul do Estado, em Criciúma, Cocal do Sul, Orleans e Grão Pará, no Oeste e Extremo Oeste Catarinense, em Nova Erechim, São Miguel do Oeste, Chapecó, União do Oeste, Belmonte e Descanso e em Florianópolis onde um núcleo numeroso de famílias fundaram uma associação cultural no ano de 1899. (ANGULSKI, 2009)

Santa Catarina era ocupada por cinco principais etnias indígenas antes da colonização europeia: os Kaigangs, os Xoklengs, os Carijós, os Guaranis e os Sambaqueiros. Os grupos Kaigans e os Xoklengs ocuparam o planalto serrano durante séculos, porém com a expansão das colônias esses povos foram perdendo suas terras, e tornando-se peões das fazendas de gado. (BRANDT, 2005)

3 PRODUÇÃO

A minha experiência com o meio *on-line* era justamente montar e estruturar o material que outros colegas produziam, foram poucas as vezes que eu mesma produzi para um multimídia, geralmente ficava na editoração. E esse era o desafio: conhecer todas as etapas de produção de um multimídia, desde a concepção até a finalização.

3.1 ENTREVISTAS E VIAGENS

Aprovado o projeto, já era tempo de procurar os entrevistados. Aqui em Florianópolis essa tarefa foi mais fácil, pois conhecia muitas pessoas que poderiam me indicar fontes com o perfil que eu desejava: acima de 50 anos e que tivessem o sotaque local. Nas outras cidades eu não tinha contato direto. Pela rede social Facebook entrei em contato com professores e jornalistas que me indicaram outras pessoas, as quais finalmente me sugeriram as fontes. Conforme ia conseguindo os contatos, fazia as ligações.

Naquela conversa com o professor Felício, ele me preveniu para não informar aos falantes que o objetivo das entrevistas era gravar os sotaques, porque poderiam distorcer a naturalidade, forçando ou minimizando a característica fonética. E como essas variações estão inseridas em um contexto, apresentei o meu trabalho como sendo sobre a cultura de Santa Catarina. Decidi também que deveria ter duas entrevistas de cada cidade, um homem e uma mulher, por viverem experiências diferentes e para enriquecer o produto final.

Em contato com uma colega do terceiro ano do Ensino Médio, Cimara Pereira, consegui a minha primeira entrevista em março, com a dona Maria Adelina de Aguiar no Ribeirão da Ilha, em Florianópolis. Foi com essa entrevista que pude ter a certeza de que estava no caminho certo. O projeto estava se concretizando. Agora precisava de um entrevistado masculino. Ainda com a ajuda da Cimara, fui até o Ribeirão procurar um pescador, achei e entrevistei o seu Manuel. Mas não consegui aproveitar o material porque, além de ter as falas dificultadas

pela diabete, ele dava respostas curtas, não desenvolvia respostas que eu pudesse inserir no contexto de outras entrevistas, e na época a maricultura no Ribeirão estava paralisada por problemas de vazamento de Ascarel, e ele conseguiu em todas as respostas falar que estava prejudicado por causa disso. Deixei essa entrevista de lado e fui procurar outro personagem. Entrei em contato com o Arantinho, conhecido em Florianópolis, que me indicou a manezinha Zenaide Maria de Souza do Pântano do Sul. Já tinha feito uma entrevista com uma mulher em Florianópolis, precisava entrevistar um homem, e embora já tivesse perdido uma, decidi gravar mesmo assim, no máximo eu não usaria a entrevista, no entanto essa rendeu.

Em contato pelo Facebook com Samira Pereira, consegui o telefone dos entrevistados Adélia Bettiol e Lírio Folchini, de descendência italiana. Ao telefone, Adélia se mostrou bem disposta a participar. Fui até Urussanga de carro, apesar de errar a saída na BR, a viagem foi tranquila, em vez de entrar em direção para o Morro da Fumaça, passei reto, percebi em seguida o erro e voltei no retorno seguinte. A casa dela fica na avenida principal da cidade, por isso não houve problemas para encontrar. A entrevista rendeu bons depoimentos e quando já me preparava para ir embora, o irmão dela, Armando Bettiol, apareceu para fazer uma visita, conversamos um pouco e ele acabou aceitando gravar. Já com Lírio Folchini, tive dificuldade de entrar em contato e não consegui gravar no mesmo dia.

Depois das respostas negativas no Facebook, liguei para a casa de cultura da Prefeitura de São Pedro de Alcântara. De lá me encaminharam para a assistente social, Regina Célia da Silva Suenes. Ela me disse que havia várias pessoas com o perfil de que precisava e que eu deveria apresentar o meu projeto ao grupo de idosos na quarta-feira, dia dos encontros do grupo. Fui de carro até lá. Fiquei feliz quando vi mais de trinta idosos me esperando para falar sobre o meu trabalho. Ao terminar, estavam tímidos e curiosos, na mesma tarde fui até a casa da primeira entrevistada sobre a cultura alemã, Mônica Stahelin Kretzer. Quando voltei para o salão, todos queriam saber como

tinha sido a entrevista e mais três se prontificaram em participar, marquei para o dia seguinte com o Felício Antônio Petry, de manhã, e com José Pauli, à tarde, tive que dispensar a quarta porque teria de viajar mais uma vez para a cidade e ficaria desequilibrado por conta da quantidade de voluntários das outras cidades. No final, adaptei o número de entrevistados para três por cidade. Achar a casa do Felício Petry foi mais difícil, porque ele mora no interior de São Pedro de Alcântara, e a estrada é de chão batido. Aqui também passei reto por onde deveria entrar; quando completei os 10 km e deveria ter chegado no destino, pedi informações a moradores e ninguém conhecia o sobrenome Petry, resolvi voltar e ligar para ele e pedir orientações. Descobri que tinha entrado para o lado errado, e depois de voltar os 10 km e andar mais 10 km para o lado certo, cheguei ao meu destino. Petry estava bem disposto a responder às perguntas e enriqueceu o trabalho por ter uma realidade bem diferente da dos outros dois entrevistados de ascendência alemã. Depois do almoço, fui para a casa de José Pauli, que me recebeu muito bem, e fez questão de trocar de roupa quando soube que a entrevista ia ser gravada em vídeo.

A viagem seguinte foi para Chapecó, os possíveis entrevistados de lá foram mediados pela colega do curso Gabriela de Toni, que é da cidade; ela me passou o contato da mãe, Adriana de Toni, que me ajudou muito com os contatos locais e também com a hospedagem durante os dias em Chapecó. Indicada por Adriana, a professora da Unochapecó Márcia de Souza me passou o telefone de dois índios, um da Aldeia Condá e outro da Toldo Chimbanguí. Consegui falar apenas com a Vanda de Oliveira, da Toldo Chimbanguí. No dia 19 de abril eu estava lá na aldeia, conheci um pouco da cultura e dos costumes dos índios, que tímidos não queriam nem saber de gravar entrevista. Mesmo assim consegui gravar com dois deles, Rosa de Paula e o pajé João Doré Fort, os quais atendiam aos requisitos para a entrevista. Dependia do último ônibus que saía da aldeia às 18h para voltar para onde estava hospedada. Acabei gravando uma entrevista rápida com Vanda, de 36 anos. Usei os depoimentos dela, mesmo não tendo a idade que eu

desejava, porque foram explicativos e também para ter o mesmo número de entrevistados das outras cidades.

A viagem para Itaiópolis foi a mais demorada, tinha planos de ir e voltar no mesmo dia, como fiz quando fui para Urussanga e São Pedro de Alcântara. Eram apenas 100 km a mais, que acabaram virando 200. Peguei o caminho errado e só me dei conta disso quando cheguei em Pouso Redondo, já que pela quilometragem eu deveria ter chegado em Itaiópolis, foi quando liguei para o meu namorado, Gustavo. Estava a 200 km de distância do meu destino, perguntei no posto de gasolina e ninguém sabia onde ficava a cidade. Já era uma hora da tarde e ainda precisava voltar para trabalhar, entrava às 18h, tinha decidido voltar, mas ele me incentivou a continuar porque eu já tinha andado 300 km e se voltasse para Florianópolis eu iria jogar fora 600 km de gasolina, decidi continuar. Passei por São Cristóvão do Sul, Santa Cecília, Monte Castelo e Papanduva, até chegar em Itaiópolis. Quando cheguei já eram 18h, liguei para o jornal contando o que tinha acontecido e que não teria como ir trabalhar. Liguei para o contato que tinha na cidade, Aldo Lis, e combinei de encontrá-lo no dia seguinte de manhã para que ele me levasse até os entrevistados, Verônica Peczarca, Konegunda Rogalska Andrzejewski e Deonísio Stoltz. Todos muito dispostos a participar.

Depois de tantas viagens ainda faltava um personagem aqui na ilha que fosse, de preferência, masculino e outro de Urussanga. Lembrei que na Casa das Rendeiras do Pântano do Sul tinha um homem que fazia renda, liguei para a coordenadora Melânia, que me passou o telefone de Edvaldo. Marquei horário com ele. Quando cheguei expliquei melhor o meu trabalho e disse que a entrevista seria gravada em vídeo, logo ele já queria se desculpar, dizendo que não gostava de câmeras que eu deveria falar com outro fulano... Mas consegui convencê-lo de que não ia ser nada difícil, e no final ele estava bem tranquilo respondendo às minhas perguntas.

Já sem esperanças liguei novamente para o celular de Lírío Folchini, e pra minha surpresa ele atendeu já na primeira tentativa. Ele explicou que o sinal lá era muito ruim porque ele mora no interior, me

passou o endereço e que se tivesse dúvida, perguntasse por ele na praça de Azambuja. Comprovado, em todos os locais que parei para pedir informações, o conheciam. Não foi difícil achar. A entrevista com Lírio foi a última, agora só faltava gravar os comentários com um linguista.

Entrei em contato com a professora Izete Lehmkuhl Coelho do Curso de Letras da UFSC, que me recomendou gravar a entrevista com o professor Felício Margotti. Mesmo com a agenda lotada, ele marcou um horário e me atendeu muito bem, enviei o áudio das entrevistas para que ele tivesse uma noção do material que eu havia recolhido e gravei um comentário explicativo de cada sotaque.

3.2 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Ao final da apuração, entre fotos e vídeos, eu tinha 160 GB de material bruto para editar. Criei um projeto no programa Adobe Premiere, no meu *notebook* e comecei a importar os vídeos, mas o coitado não resistiu, travou e só deligando a máquina ela voltou a dar sinal de vida, mas era só pensar em abrir o programa que ele ficava lento e travado. Recorri ao curso: na sala da minha orientadora, Maria José Baldessar, tem um iMac, muito bom para trabalhar com vídeo, mas o HD externo com os arquivos do TCC estava com o sistema de arquivos em NTFS, e o sistema IOS, do Mac, não grava em NTFS, só em FAT 32, sistema que não permite salvar arquivos com extensões maiores de 4 GB, e mesmo que formatasse o HD, não poderia salvar o vídeos nele. Acabei editando no *notebook* de Gustavo, e mesmo lento consegui editar os vídeos.

A ideia inicial era que fossem vários vídeos curtos, para que o carregamento na *web* fosse rápido, vídeos com uma média de dois minutos, separados por assunto e sotaque. Mas os vídeos soltos ficaram fracos, juntos é que ficavam interessantes, decidi fazer apenas um vídeo para cada variação fonética, e o tempo de cada um variou entre 12 e 19 minutos. Havia ficado muito longos no que se diz respeito ao conceito da *web*, em que os leitores não ficam muito tempo assistindo, ou lendo a

mesma reportagem. Precisava diminuir e padronizar o tempo de cada um, decidi junto com a orientadora que teriam até 10 minutos cada um.

Paralela à apuração e a edição, arrisquei a primeira interface do especial: ficou simples, faltava alguma coisa. A professora Maria José recomendou que pedisse ajuda de alguém do curso de Design, falei com meu cunhado que é estudante de Design na UFSC, Matheus Pasinato Mirandoli. Ele me apresentou a identidade visual em poucos dias, sem dúvida ficou melhor que eu esperava, pedi poucas alterações.

Com base nessa identidade, comecei a trabalhar na editoração do arquivo final no programa Adobe Flash. Nele tive os mesmos problemas da edição dos vídeos, só consegui trabalhar no computador do Gustavo. Surgiram muitas dúvidas em recursos que ainda não tinha usado no Flash, sabia que poderia fazer, mas não sabia como, pedi ajuda ao ex-professor do curso de Jornalismo, Fábio Mayer, que respondeu muito rápido aos meus *e-mails*.

O foco do webdocumentário eram os vídeos porque através deles é que se escutariam os sotaques, tema deste trabalho, mas curiosidades e informações básicas de cada cidade e cultura também fizeram parte da apuração. E foram colocadas em forma de texto. Eu poderia ter gravado uma sonora, ou uma passagem, mas o foco das falas eram o sotaque e o comentário do linguista.

Em algumas casas que visitei, reproduzi fotografias pessoais antigas. Não consegui em todas porque alguns entrevistados não tinham, ou não conseguiram localizar onde estavam as fotos.

3.3 EQUIPAMENTO E CUSTOS

Quando terminei o projeto, em julho de 2012, estava preocupada com a qualidade do material, e com o tempo que perderia digitalizando as fitas caso usasse os equipamentos do curso. Decidi que gravaria os vídeos com uma máquina fotográfica, a exemplo de outros colegas que tiveram boas experiências com câmeras fotográficas que gravam vídeos.

Pesquisei e encontrei o modelo T3i da Canon com boa relação custo-benefício, mas não tinha dinheiro para comprar à vista, nem cartão para parcelar. Meu sogro emprestou o cartão de crédito e parelei a câmera em seis vezes. Foi um investimento que valeu a pena, e tive tempo para aprender a usar o equipamento, porque comecei a produzir o TCC somente este ano (em 2013). Depois de quitar a câmera, comprei um microfone de lapela com fio, mas que não funcionou, e me deu o prejuízo de uma entrevista sem áudio, e justamente a primeira, no Ribeirão da Ilha com Maria Adelina. Tive sorte porque era aqui na ilha e consegui regravar ainda na mesma semana. Porém, esta última não rendeu os mesmos depoimentos que os da primeira vez. Antes mesmo da entrevista já tinha verificado o problema de mau contato e trocado o microfone, mas mesmo assim o problema persistiu, era o adaptador que fazia interferência. Não usei mais o microfone. Nas outras entrevistas gravei com o microfone interno da câmera e levei um gravador digital do laboratório de rádio do curso, para garantir que o áudio fosse capturado.

Todos os custos em viagens, alimentação e equipamentos foram custeados por mim. Como não gastei tudo de uma só vez, consegui pagar tudo sem apertar o orçamento de casa. Comprei a câmera em julho de 2012, o microfone em dezembro de 2012, e as viagens foram espaçadas.

Tabela 1 – Gastos para o TCC

Descrição	Ida e Volta	Data	Valor
Gasolina Ribeirão da Ilha	10 km	14/3/13	2,00
Gasolina Ribeirão da Ilha	15 km	19/3/13	3,00
Gasolina Pântano do Sul	26 km	5/4/13	5,00
Gasolina Pântano do Sul	26 km	7/4/13	5,00
Gasolina Urussanga	400 km	9/4/13	81,00
Gasolina São Pedro de Alcântara	100 km	10/4/13	20,00
Gasolina São Pedro de Alcântara	140 km	11/4/13	28,00
Passagem Chapecó	--	19/4/13	504,00
Gasolina Itaiópolis	952 km	23/4/13	170,00
Hospedagem + alimentação Itaiópolis	--	23/4/13	55,00
Gasolina Pântano do Sul	26 km	8/6/13	5,00
Gasolina Azambuja	400 km	11/6/13	81,00
Gasolina Ribeirão da ilha	15 km	15/6/13	3,00
Equipamento (câmera, lentes, tripé e cartão de memória)	--	20/6/12	3.500,00
Microfone lapela	--	16/12/12	100,00
Total			4562,00

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste trabalho foi muito importante para que eu aprendesse a fazer todas as partes de um especial, ou webdocumentário, para a internet. Pensar em um produto para um meio específico exige planejamento, desde a apuração até a edição. Se não se sabe para qual meio se está produzindo, o material final pode não atender às necessidades do leitor.

Entrar em contato com os personagens que você vai editar é bom porque se tem uma noção de como ele realmente é, mas isso também acaba dificultando o processo de edição, porque há um envolvimento pessoal, e cortar uma fala é como tirar um pedaço do corpo.

O objetivo era estar por dentro de todas as etapas e foi importante para ter uma noção de todo o trabalho, mas se fosse feito em equipe as tarefas seriam divididas e não ficaria sobrecarregada.

O resultado final deste projeto poderá ser veiculado em *sites* jornalísticos de Santa Catarina, e/ou hospedados em revistas e jornais *on-line* que tenham espaço de produção multimídia. Por não se tratar de um tema factual, a reportagem multimídia não tem um tempo determinado para sua veiculação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antônio Luís L. **Avaliação heurística de usabilidade de interfaces no jornalismo online**: um estudo de caso do JB online. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ANGULSKI, Nazareno Dalsasso. **Poloneses na Ilha de Santa Catarina**. 2009. Disponível em:
<<http://www.floripol.com.br/cultural/angulski-2.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. 49. ed São Paulo: Loyola, 2007. 183 p.

BALDESSAR, Maria José; ANTUNES, Thomas Michel; ROSA, Gabriel Luis. Hipertextualidade, multimídia e interatividade: três características que distinguem o Jornalismo Online. In: **Anais do III Congresso da Associação Nacional dos Pesquisadores de Cibercultura**. Disponível em:
<http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/5_jornalismo/eixo5_art22.pdf>. Acesso em: 01 maio 2012.

BEUTTENMÜLLER, Glorinha. [trecho extraído de:] **O que é ser fonoaudióloga**: memórias profissionais de Glorinha Beuttenmüller em depoimento a Alexandre Raposo, Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-278270,00.html>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

BRANDT, Marlon. Povoamento e grupos indígenas no planalto de Santa Catarina: algumas considerações. In: **A instalação da serraria René Frey & Irmão na localidade do Campo da Dúvida, atual município de Fraiburgo – SC (1937-1961)**. 2004. 116f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Centro de Filosofia e

Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004b.

CANAVILHAS, João Messias. Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Covilhã, Portugal, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

FURLAN, Oswald A. 250 anos de influência açoriana no português do Brasil. In: **ÁGORA**: Revista da Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Disponível em <<http://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/190/pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro:Objetiva/Moderna, 2010.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 332p. Dissertação (Pós-graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Letras. Área de concentração: Linguagem no contexto social. Porto Alegre, 2004.

VARSUL. **Variação Linguística na Região Sul do Brasil**. Disponível em: <<http://www.varsul.org.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SALAVERRÍA, Ramón. Aproximación al concepto de multimedia desde los planos comunicativo e instrumental. In: **Estudios sobre el mensaje periodístico**, Madrid, n. 7, 2001.